

O Café Gelo, no Rossio lisboeta, foi em tempos um fervilhante centro de ideias, como António José Forte recorda. Seguidamente, o psicanalista António Coimbra de Matos é entrevistado por Miguel Serras Pereira.

Rossio

Breve notícia, breve elogio do grupo do Café Gelo

Que lisboeta desprevenido suspeitará que o Café Gelo, no Rossio, ainda hoje existente mas oh quão camuflado, já foi plataforma de revoluções e local de inovadoras tertúlias?

António José Forte

Ponto de reunião, de encontro e de convívio, de preguiça, um café pode ser também um lugar mirabolante; de revolta. Durante um tempo, fantástico e real, houve um café singular e um grupo insólito que o habitava. Grupo com muita gente à volta dele, mensageiros que entravam e saíam, que às vezes nunca mais voltavam. Curiosos que chegavam para ver e ouvir, e no meio do silêncio caíam fulminados. Tardes e noites misteriosas e truculentas como o princípio de tudo, enquanto a morte passeava no Rossio. Dada tratado por tu, o surrealismo olhado nos olhos, e sempre o trapézio voador do humor negro. Todos os dias alguém na véspera de partir para Paris. Os cigarros da camaradagem e da amizade ininterruptamente acesos, fumo de todas as cores no ar e em volta das cabeças.

Falo do Café Gelo, do grupo do Café Gelo, no Rossio, em Lisboa, no final da década de cinquenta. O Café Gelo, o mesmo onde em 1908 se reuniam com outros conspiradores os justiceiros revolucionários Alfredo Costa e Buíça, que haviam de matar a tiro o rei D. Carlos e o filho, o príncipe D. Luís, com o que seria implantada a República dois anos depois. O Café Gelo — a plataforma da revolução — como a propósito lhe chamaria mais tarde Aquilino Ribeiro.

O surrealismo

Agora, porém, nesse final da década de cinquenta, era o modernismo, que desde «Orpheu» tivera de sobrevoar a grande altura a cabeça da contra-revolução presencista e a cabeça mole do neo-realismo, para não falar doutras cabeças, que se sentava às suas mesas, dez anos depois de se sentar no Café Herminius com o nome de Grupo Surrealista. Um verdadeiro escândalo, que não era provocado por uma manifesto, por um grupo com nome próprio, por uma revista, mas por um grupo iconoclasta e libertário onde se falava de tudo, até de literatura e arte, e de rosas também. Um grupo de franco-atiradores, é verdade; um grupo de poetas, sem dúvida. Que disparava ao acaso sobre a multidão, que inventava os seus infernos e paraísos, que usava a liberdade de expressão ora voando ora morrendo, desaparecendo, escrevendo às vezes.

O surrealismo, cuja ocultação o poeta António Maria Lisboa proclamara na sua conferência-manifesto «Erro Próprio», lida pelo autor na noite de 3 de Março de 1950 na Casa da Comarca de Arganil, emergia afinal no Café Gelo.

Cem poemas, talvez mais, talvez menos, cujos autores eram, entre outros, Mário Cesariny, Ernesto Sampaio, Herberto Helder, Manuel de Castro, e uma colecção — «A Antologia em 1958» — organizada por Cesariny, além de três números da revista «Pirâmide», dirigida por Carlos Loures e Máximo Lisboa, foi tudo, ou quase tudo, quanto a palavra escrita, o grupo revelou. Mais tarde, em «A Intervenção Surrealista», «Surrealismo-Abjeccionismo», «A Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito», iniciativas também do poeta Mário Cesariny, vários dos presentes ao acto ardente do Café Gelo ali aparecem episodicamente. Por fim, em 1970, a antologia «Grifo» reúne pela primeira e última vez o maior núcleo dos que pertenceram ao grupo. E já agora relembre-se



O grupo do Gelo segundo Benjamin Marques: Manuel de Lima, Luiz Pacheco, Mário Cesariny, Raul Leal, José Simões, Hélder Macedo, João Rodrigues, Gonçalo, Benjamin, Escada, Cargaleiro, Fininha, José Fortes, J. Manuel Calafate, João Zanaga, Assunção, Virgílio Martinho e Saldanha da Gama («DL» de 16/10/58)

o nome de António Gancho, alucinado frequentador do Café Gelo, a grande revelação de «Edoi lelia doura», a antologia.

Da parte das artes plásticas assinale-se a passagem dos que atravessaram o Café Gelo a velocidade mais ou menos reduzida, conforme os propósitos, como Manuel d'Assumpção, Gonçalo Durte, José Escada, António Areal, João Vieira, etc. E João Rodrigues, a personalidade fascinante e truculenta, o desenhador, o umorista (sem h), símbolo que ficou do grupo — o nosso suicidado da sociedade portuguesa da década de sessenta.

Pouca literatura, pouca arte, como se vê, mas sinais eloquentes, ainda assim, do modernismo pensado e vivido, isto é, da poesia feita por todos, não por um, ou feita contra todos, que era a principal actividade do grupo. Mas a verdade é que era de poesia como estilo de vida que se tratava sobretudo. Por vezes com a nota carregada e visível de escândalo na praça pública. Lembre-se ao menos a noite de 1958 no Café Gelo, a extraordinária homenagem a Raul Leal, o profeta Henoch, encontrado perdido no Café Chave d'Ouro por Herberto Helder, aquando da saída da prisão do criador do Vertiginismo por actos considerados imorais, que foi um verdadeiro tremor de terra no Rossio.

Jovens em ira

Desse grupo que frequentou até ausentar-se para Londres, escreveu Hélder Macedo na introdução à antologia em português da poesia contemporânea portuguesa «Contemporary portuguese poetry»: «De diversos modos se ex-

primiu o mal-estar desses jovens em ira, desde a entrega sem reservas à fúria mágica e encantatória do Verbo em Herberto Helder, até à amarga e desesperada relutância em ceder àquilo que seria a facilidade do talento, preferindo-lhe um sistemático exercício de auto-destruição como acontece em Manuel de Castro.» Apreciação muito distante da emitida tropegamente por E. M. de Melo e Castro quando, ao referir-se à actividade do grupo do Café Gelo, a designa por uma «espécie de boémia tipicamente lisboeta», confundindo um pouco a actividade do espírito com o fado, como assim da leviana opinião de Luiz Pacheco, que não vale a pena citar. Apreciações distantes igualmente da do crítico Fernando J. B. Martinho, quando afirma por sua vez: «O que significava que os poetas do Gelo rejeitavam toda e qualquer intervenção que se esgotasse no estético, no literário, dentro, aliás, de um procedimento bem definidor da filiação surrealista das suas propostas.» A vários títulos surpreendente, no entanto, é o ponto de vista do poeta Mário Cesariny, que não se quer deixar de transcrever: «Em 1956-59 outra geração surgirá constituindo os chamados grupos do Café Royal e do Café Gelo. Estes grupos, com excepção do poeta Ernesto Sampaio, e de João Rodrigues, surrealista em todos nós como Vaché o poderá ter sido para Breton, votar-se-ão mais a um abjeccionismo conjuntural do que à proposta surrealista, e, por exaltantes que tivessem sido para mim a adesão e companhia, recuso continuar a experiência, algo fútil, do primeiro grupo e a, algo trágica, do segundo: quando, em Abril de 1958, sai a única declaração colectiva emanada do grupo

do Café Gelo, nego-me a assiná-la.» (Como o Cesariny sabe muito bem, não se trata de uma declaração colectiva do grupo, que nunca fez nenhuma, mas de um muito, muito circunstancial papelinho visando o jornalista Artur Portela Filho, pese embora as suas dezasseis assinaturas, metade das quais nada tem a ver com o grupo. Mas isso é outra história...). Por fim assinale-se a interpretação crítica dos pintores Querubim Lapa e Aldina Costa, pois de uma interpretação se tratou sobretudo, além de uma verdadeira homenagem anti-necrófila, do grupo do Café Gelo, quando apresentaram a sua tese de licenciatura em 1979 na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tomando por tema a actividade do grupo, tese constituída por uma exposição iconográfica, vários depoimentos escritos de alguns membros do grupo, a presença doutros, entre os quais Virgílio Martinho e José Carlos Gonzalez, e a colaboração da actriz e admiradora Lia Gama. E esqueça-se definitivamente o desconchavo de um programa na televisão aquando do encerramento do estabelecimento Café Gelo.

Grupo surrealista, segunda geração surrealista, como já lhe chamaram? Como cada um quiser. Se a camaradagem tem outro nome, se a amizade tem outro nome, podem chamar-lhe surrealista. Se a crítica pelo exemplo, se a palavra escrita e falada, vivida, se a poesia feita por todos ou contra todos têm outro nome, então só podem chamar-lhe surrealista. E a morte e a loucura, como o silêncio, também podem chamar-se surrealistas — como cada um do grupo afirmará à sua maneira e a seu tempo.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E EDUCAÇÃO PELA ARTE

DANÇA
NO
CENTRO
DE
ARTE
MODERNA

Ciclo «O Fantástico na Arte Contemporânea»

COMPANHIA
CLAUDE BRUMACHON

20, 21 e 22 de Fevereiro
às 21.30 horas

«OC LE NARQUOIS ET ORIANE L'EFFRAIE»
baillado inspirado no cinema fantástico
coreografia de Claude Brumachon



Preço 300\$00 • Desconto de 50% a estudantes, jovens com menos de 18 anos e bailarinos com carteira profissional. Horário da bilheteira: terça a sábado das 10 às 19 horas. Domingos das 13 às 19 horas, e uma hora antes do início dos espectáculos.